

é um arquitecto por formação. Conhece bem a construção, sabendo, como tal, que nesse capítulo não é possível fazer tábua rasa das lições tiradas do passado. No entanto, advoga a total libertação dos estilos históricos em voga. Por essa via, procede a uma inversão de rota, na medida em que não se propõe partir da tecnologia para renovar a arquitectura, mas conceber formas arquitectónicas a partir da tecnologia, conferindo à arquitectura a função.

Estamos, pois, perante dois catálogos que, pela clareza organizativa, pela qualidade da reprodução das ilustrações, pelo teor dos textos publicados, os quais, sem deixarem de ser acessíveis, desbravam novos domínios críticos, são apostas de fundo. Deve, porém, ser salientado que, apesar de essa expansão de campo poder traduzir o alargamento do público que se interessa pela arte de vanguarda, assim correspondendo ao *desideratum* de Marinetti, é a hegemonia mediática que a comanda.

Em vão poderão ser procuradas referências, nas páginas dos catálogos, a um Amadeu de Sousa Cardoso ou a um Almada Ne-

greiros, o que mostra a posição periférica que é reservada à vanguarda portuguesa. RITA MAR-
NOTO

Giusi Baldissone, *Filippo Tommaso Marinetti*, Milano, Mursia, 2009, 297 pp.

Convirá assinalar, à partida, que a monografia de Giusi Baldissone não se integra naquela categoria de obras que surpreende o público pela apresentação de uma tese bizarra ou inaudita. Na verdade, a história editorial de *Filippo Tommaso Marinetti* estende-se ao longo de duas décadas. Saiu pela primeira vez em 1986, foi reimpressa, e a edição de 2009 é revista e actualizada. Quer isto dizer que se trata de um volume que leva a chancela do tempo, na medida em que nele confluem experiências de organização cultural, pesquisas documentais e aprofundamentos críticos que foram sendo joeirados, ampliados e maturados ao longo dos anos. Recorde-se que Giusi Baldissone colaborou na grande exposição que no presente ano foi dedicada ao líder do Futurismo italiano pela Fondazione Stelline, de Milão.

A estrutura da obra tem na sua base um esquema que entrecruza: os itens canónicos da apresentação monográfica (enquadramento crítico, correntes, protagonistas, etc.); o andamento evolutivo do percurso intelectual de Filippo Tommaso Marinetti; e o estudo das várias tipologias de escrita que cultivou, entre textos teóricos e literários, da poesia à narrativa e ao teatro. Conta com sete capítulos, precedidos por uma introdução e rematados por uma conclusão.

As celebrações do Futurismo, em Itália, têm vindo a ser acompanhadas por comentários difusos, da mais diversa ordem e do mais diverso timbre, acerca das posições políticas assumidas pelos seus membros, acerca das várias dinâmicas de grupo geradas no seu seio ou acerca da importância relativa das várias modalidades de expressão artística utilizadas. Também neste ponto uma monografia *clássica* pode valer.

Giusi Baldissonne leva a cabo, como ela própria o assume, uma pesquisa prevalentemente baseada em documentos e em textos literários, sem descurar um enquadramento artístico que se estende da pintura ao cinema. Através desse fio metodológico, vai ex-

plorando a circulação de ideias literárias que corre pela Europa, ao mesmo tempo que dilucida as críticas que a obra de Marinetti logo mereceu, e que acompanha as dissensões que levaram vários dos membros do Futurismo a afastarem-se do movimento.

O capítulo dedicado ao Marinetti pré-futurista exemplifica bem o horizonte internacional do Futurismo, já antes do célebre manifesto de 1909, no seu vai-vém entre a França e a Itália. Giusi Baldissonne faz o elenco das revistas onde colaborou (nomeadamente a *Anthologie Revue de France et d'Italie*, publicada simultaneamente em Paris e em Milão, e da qual foi secretário para a Itália) e das personalidades relevantes da cultura e da literatura com quem conviveu por esses anos, pondo em destaque a influência de Émile Verhaeren sobre a sua poesia. As observações críticas já feitas por Marcel Raymond são assim completadas pela análise de temas de poesia comuns ao Simbolismo e ao Futurismo, sobre um pano de fundo onde desfilam os tantos autores que fazem parte da bagagem do jovem educado em Alexandria do Egito, num colégio de Jesuí-

tas: Loti, Flaubert, Tailhade, Verlaine, Mallarmé, Schwob, Rimbaud, Gide, Merrill, Kahn, Klingsor; e também, pelo lado italiano, Butti, Quaglino, Pica, Lucini, D'Annunzio. Mas são igualmente exploradas outras ligações, como é o caso de Dante, cuja memória subjaz a várias formulações que têm a ver com uma ideia-chave do Futurismo, o alcance das estrelas. Inspira *La conquête des étoiles*, de 1902, percorre o *Manifesto de fundação* e subjaz ao sucessivo *Uccidiamo il chiaro di luna*, do mesmo ano de 1909. Assim se compreende como o que há de decadentista e de simbolista no primeiro Marinetti se projecta através de uma vontade de superação que em si contém os gérmenes do Futurismo.

As dezoito páginas finais, onde é coligida uma bibliografia seleccionada, constituem um guia muito útil, em particular para o leitor estrangeiro, quanto a recollhas bibliográficas sobre o Futurismo; à obra de Marinetti; a antologias e compilações de manifestos; à biografia de Marinetti; a estudos críticos; e teatro. Pelo que diz respeito a este último ponto, a autora da monografia acompanha e desenvolve um tema

que tem vindo a merecer, ultimamente, particular destaque, ou seja, o modo como a teatralidade recobre os mais variados aspectos da actuação futurista, de forma a converter essa vertente espectacular em instrumento fundamental daquela ambição de atrair um vasto público, tão característica dos movimentos de vanguarda.
RITA MARNOTO

V. de Saint-Point, *Manifesto da mulher futurista. Manifesto futurista da luxúria*, trad. de Célia Henriques, Lisboa, & etc, 2009, pp. 75

Entre as dezenas de livros da mais variada ordem – nem todos úteis – que cada mês surgem nas estantes das livrarias portuguesas, encontrámos em Maio um que é quadrado mas, ao mesmo tempo, não o é, respeitando a marca da sua editora, a *& etc* de Vítor Silva Tavares, e que leva o duplo título de *Manifesto da mulher futurista* e *Manifesto da Luxúria*, por Valentine de Saint-Point. Referimos o pormenor da forma do livro não só por ser, como dissemos, um traço inimitável desta pequena-grande editora lisboeta, mas porque a história dessa esco-